

## ATIVIDADES LÚDICAS E ESPORTIVAS DESENVOLVIDAS EM INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: REFLEXÕES DOS ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS

**Recebido em:** 01/08/2011

**Aceito em:** 27/02/2012

*Paula Marçal Natali<sup>1</sup>*

Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
Maringá – PR – Brasil

*Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula<sup>2</sup>*

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
Vitória – ES – Brasil

**RESUMO:** Este trabalho apresenta reflexões de adolescentes institucionalizados em relação às atividades lúdicas e esportivas desenvolvidas em projetos de Educação Não Formal de duas instituições da cidade de Maringá-PR. Na constituição do referencial teórico desta pesquisa foi utilizada a multirreferencialidade de Macedo (2000). Na pesquisa de campo foi adotada a técnica de grupo focal com os adolescentes das instituições. Nas transcrições e análises das falas dos adolescentes, eles atribuíam funções e conteúdos sobre a forma como as atividades lúdicas e esportivas eram realizadas nestes locais. Nestas falas foi possível observar que, nas duas instituições, existia uma forte preocupação com o preparo dos adolescentes para o mercado de trabalho e que as atividades lúdicas e esportivas não eram prioritárias. Elas eram consideradas como ocupação do tempo livre e controle disciplinar. Entendemos que estas atividades são manifestações culturais que precisam ser compreendidas em suas possibilidades e contradições. Para tanto, consideramos a reflexão sobre as atividades lúdicas e esportivas nas instituições de Educação Não Formal como um desafio a ser problematizado e discutido de forma mais aprofundada nas universidades e instituições do Terceiro Setor.

**Palavras-chave:** Adolescente. Esportes. Atividades de Lazer.

### LUDIC AND SPORTS ACTIVITIES DEVELOPED IN SOCIAL EDUCATION INSTITUTIONS: REFLECTIONS OF INSTITUTIONALIZED TEENAGERS

**ABSTRACT:** This study presents the reflections of institutionalized teenagers in relation to ludic activities and sports developed in two non-formal education institutions in the city of Maringá-PR. In the constitution of the theoretical reference of this research

<sup>1</sup> Mestre em Educação-Docente Temporária da Universidade Estadual de Maringá – PR.

<sup>2</sup> Doutora em Educação – Docente da Universidade Federal do Espírito Santo – ES.

it was used Macedo's multiple referentiality (2000). In the field research, it was adopted the focal group technique with the institutionalized teenagers. In the analysis related to the ludic activities and sports it was possible to observe that in both institutions there was a concern for the preparation of the teenagers for the job market, and the recreational activities and sports were not a priority but used as discipline control. We understand that these activities are cultural manifestations that must be comprehended in its possibilities and contradictions, thereby should be set as a topic of discussion and questioning.

**KEYWORDS:** Adolescent. Sports. Leisure Activities.

Neste artigo apresentaremos as reflexões de adolescentes institucionalizados em relação às atividades lúdicas e esportivas desenvolvidas em projetos de Educação Não Formal na cidade de Maringá-PR.

Este artigo fez parte da dissertação de mestrado “O Lúdico Em Instituições de Educação Não-Formal: Cenários de Múltiplos Desafios, Impasses e Contradições” (NATALI, 2009). O impulso que motivou a realização deste trabalho foi estudar as significações da brincadeira no contexto da Educação Não-Formal, mais especificamente, no contra turno social, campo que está atualmente em expansão em nosso país.

Na Educação Não-Formal o atendimento às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social acontece frequentemente no contra turno social e se caracteriza pelo desenvolvimento de atividades artísticas, esportivas e ou profissionalizantes no horário contrário ao que as crianças e adolescentes frequentam a escola. Esta forma de atendimento se enquadra na política de atendimento à criança e ao adolescente no que se refere ao apoio sócio educativo em meio aberto (BRASIL, ECA, 1990, art.90).

A atual política de atendimento para as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade em nosso país está cada vez mais ligada às iniciativas do “Terceiro

Setor”. Entendemos o Terceiro Setor como uma nova forma de intervenção social que no primeiro momento, parece-nos uma saída para os problemas sociais visto que, nos confere a impressão de que é uma ação que articula ações governamentais e ações da sociedade civil. Entretanto, compreendemos que este fenômeno busca responder às demandas sociais que antes eram responsabilidade do Estado, baseando-se no sentimento de ajuda mútua, solidariedade local e auto-ajuda (MONTAÑO, 2005).

Diante do debate sobre o Terceiro Setor é importante salientarmos a diferença que existe entre as instituições que desenvolvem ações assistenciais que acabam por favorecer a manutenção da desigualdade social, daquelas instituições empenhadas em projetos de modificações estruturais e de efetivação dos direitos sociais das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Sendo assim, ao criticarmos as intervenções sociais de algumas instituições do Terceiro Setor, não devemos nos ater somente as entidades que promovem a adaptação e o imobilismo social, mas precisamos refletir sobre tais aspectos e analisar os trabalhos que buscam a transformação social dos sujeitos envolvidos.

### **Procedimentos metodológicos**

Nesta pesquisa utilizamos a multirreferencialidade na constituição do referencial teórico. Esta escolha se fez porque a maioria dos estudos sobre as intervenções educativas não-formais é recente e está em construção. Esta área congrega diferentes campos. Em relação à abordagem multirreferencial é preciso destacar:

[...] não está na prática da complementaridade, da aditividade, tampouco da obsessiva necessidade do domínio absoluto, mas da afirmação da limitação dos diversos campos do saber, da tomada de consciência da necessidade do rigor fecundante, da nossa ignorância enquanto inquietação (MACEDO, 2000, p.93).

A multirreferencialidade busca, diante da tradição epistemológica mais rígida, fundar-se “[...] a partir da aceitação da irreduzível complexidade da emergência humana, isto é, do seu caráter indexal, opaco, reflexivo, temporal, molar, ideográfico, insuficiente, contraditório e eminentemente relacional” (MACEDO, 2000, p.94).

Desta forma, podemos compreender que a abordagem multirreferencial apóia-se num olhar plural sobre o fenômeno estudado, negando os modelos científicos positivistas e racionais que se caracterizam pela leitura de uma realidade fixa, estável e imutável.

A construção dos dados da pesquisa foi realizada em duas instituições de cunho filantrópico social da cidade de Maringá-PR: 1) a Instituição - CESOMAR- Centro Social Marista Ir. Beno Tomasoni e 2) Instituição - Lar Escola da Criança de Maringá.

Para o estudo das representações das práticas educativas lúdicas e esportivas, optamos pela utilização do grupo focal com os adolescentes de ambas as instituições.

O recurso de coleta de informações grupo focal consistiu em uma discussão coletiva aberta e centrada, que foi mediada pela entrevistadora com os adolescentes. Neste recurso metodológico, podem emergir diversos pontos de vista, motivados pelo contexto de interação.

Configurando-se como uma técnica de entrevista grupal, o grupo focal é “[...] extremamente válido para tratar com os objetos da pesquisa em educação, afinal de contas, a prática pedagógica se realiza enquanto prática grupal em todas as suas nuances” (MACEDO, 2000, p.179).

A composição do grupo focal, nesta pesquisa, variava de 8 a 12 participantes. O grupo focal foi realizado com adolescentes das duas instituições. Outro critério adotado quanto à escolha de adolescentes ocorreu em relação àqueles que freqüentavam as

mesmas oficinas. Porém, embora realizassem atividades comuns, eles eram de grupos, idades e gêneros diferentes. Entendemos que, desta forma, garantimos as características que subsidiavam os objetivos da pesquisa e a diversidade necessária para que as opiniões divergentes aparecessem no grupo.

O grupo focal foi realizado durante seis dias (sendo uma vez por semana em cada instituição) e o procedimento metodológico consistia de algumas etapas. Em um primeiro momento: foram apresentadas algumas fotos no projetos multimídia para o grupo de adolescentes sobre lazer, atividades lúdicas e esportivas desenvolvidas em diversos países, com culturas diferentes e fotos destas atividades nas instituições. Este foi um dispositivo inicial utilizado que desencadeava as discussões posteriores com o grupo.

Apesar da boa participação dos adolescentes nos grupos focais, no desenvolvimento deste encontramos algumas dificuldades, entre elas podemos destacar duas: a primeira dificuldade foi conseguir que os adolescentes realmente discutissem as temáticas e não apenas respondessem as perguntas que eram realizadas para nortear os grupos focais. Foi possível perceber que os adolescentes não estavam muito habituados a debater entre si.

A segunda dificuldade encontrada foi que, muitas vezes, durante o desenvolvimento dos grupos focais, os adolescentes brigavam e se ofendiam quando discordavam de algum ponto de vista ou quando algum participante fazia afirmações consideradas polêmicas pelo grupo participante.

O objetivo da realização destes grupos focais com os adolescentes que freqüentam o contra turno social não foi comparar as duas instituições nas quais desenvolvemos a pesquisa. Entretanto, no Centro Social Marista Ir. Beno Tomasoni,

instituição em que a pesquisadora atuou como educadora social por quatro anos, foi possível identificar uma diferença de comportamento em relação aos adolescentes da outra instituição.

Na instituição de contra turno social que a pesquisadora já havia trabalhado e que, portanto conhecia alguns dos participantes dos grupos focais, os adolescentes, em certos momentos, pareciam que não estavam efetivamente comprometidos com as discussões. Eles apresentavam vários comportamentos: brincavam, saíam da sala e, por vezes, brigavam entre si. Consideramos que, dentre os inúmeros fatores podem ter influenciado estes comportamentos, um dos fatores que atribuímos a estas características deve-se ao fato dos adolescentes já conhecerem a pesquisadora (por já ter trabalhado na instituição) e se sentirem mais à vontade para a realização da pesquisa.

Outro aspecto que pode ter influenciado estes comportamentos dos adolescentes pode ter sido pelo fato da pesquisadora sentir-se ainda um pouco educadora daquele grupo, apesar de buscar o distanciamento necessário para a realização da pesquisa.

Em relação às oficinas que os adolescentes participavam, podemos destacar que: na instituição do Lar Escola da Criança, eles cursavam a oficina de Bijuteria. No Centro Social Marista, eles realizavam o curso de Teatro. Os participantes tinham idades que variavam de 12 a 16 anos entre meninos e meninas.

As análises dos grupos focais foram realizadas a partir da transcrição das falas dos adolescentes. Estas falas foram analisadas e serão apresentadas a seguir. Também foram indicados os sexos dos adolescentes que participaram dos grupos focais. Os nomes não foram citados para preservar as identidades.

## **Reflexões dos adolescentes sobre as atividades lúdicas e esportivas na Educação Não Formal**

As discussões sobre as atividades lúdicas e esportivas que ocorreram nos grupos focais com os adolescentes foram marcadas pela descontração e pelas risadas, pois, em muitos momentos, os adolescentes imitavam os gestos esportivos e as brincadeiras que gostavam. Entretanto, as análises sobre suas falas, não remetiam a alegria com que os adolescentes tratavam as brincadeiras. Estas falas nos levavam a discussão sobre o confinamento dos adolescentes nas instituições, o empobrecimento das atividades que eram realizadas, pois eram sempre as mesmas e o uso das atividades lúdico-esportivas pelos educadores sociais como forma de ocupação do tempo livre dos adolescentes.

No início das discussões sobre as brincadeiras, jogos e esportes, a maioria dos adolescentes dizia gostar destas atividades, poucos afirmaram não se interessar. Tanto os esportes quanto as brincadeiras, segundo os adolescentes ocorriam em diversos ambientes que freqüentavam, especialmente no bairro em que moravam.

Quando os adolescentes foram indagados sobre estas questões a respeito dos locais que desenvolviam as atividades lúdicas e esportivas, foi possível encontrarmos os seguintes depoimentos:

- *A gente brinca em casa, na rua.* Menina

- *Na escola também.* Menino

- *Aqui no lar.* Menina

- *Na vila é bet's todo dia.* Menino

Alguns concordam

- *Gosto de empinar a bicicleta.* Menino

- *Descer a ladeira no embalo, uh!!* Menino

- *Vixi, e quando a gente brincava de esconde-esconde, eu moro no Santa Felicidade e a gente ia até na Vila Operária se esconder.*

Menino (são bairros distantes)

Todos caem na gargalhada

Vocês brincam só aqui no centro social?

- *Não, em casa também.* Menino

- *Na rua.* Menino

- *Na escola.* Menino
  - *Na chácara do Marista.* Menino
  - *No campo de futebol.* Menino
  
  - *A gente faz esporte na quadra (no bairro em que moram tem uma quadra).* Menino
- Quando? (pesquisadora)
- *De sábado, domingo, feriado, nas férias...* Menina
  - *Em qualquer lugar da pra brincar.* Menina
  - *Tendo espaço e não passando carro, tranqüilo.* Menino

Faria e Fontes (2008) constataram em sua pesquisa sobre a prática do futebol de jovens na cidade de Belo Horizonte que, na periferia da cidade acontecem diferentes manifestações ligadas ao futebol e que: “Nesses contextos se intensificam as relações sociais a partir do futebol - espaços em que esses sujeitos constroem conhecimentos e significados sobre essa prática cultural e sobre si mesmos” (FARIA e FONTES, 2008, p.156)

Os adolescentes participantes dos grupos focais relataram também que realizavam várias brincadeiras e jogavam futebol nos mais diversos espaços dos bairros em que moravam. Na ocupação destes espaços os adolescentes tinham a possibilidade de construir um processo de vivência comunitária que extrapolava a prática do futebol e de outras brincadeiras, jogos e propiciava novas as relações sociais.

A prática dos esportes, portanto, não tinha um fim em si mesma. Ela estava carregada de sentidos e influências que estavam além da execução das habilidades necessárias para a sua realização.

Os adolescentes quando falavam sobre os esportes (os grupos focais foram realizados na época dos Jogos Olímpicos de Pequim - agosto/2008 -, período que os esportes estavam em evidência na mídia) apontavam para alguns outros determinantes que permeavam as práticas esportivas, além das habilidades específicas:



Vocês acham que o esporte, a brincadeira podem excluir?  
(pesquisadora)

- *Alguns sim.* Menina
- *Quem é magro não pode lutar sumo (risos).* Menino
- *Gordinho não pode virar pirueta não.* Menino
- *Só se agüentar (risos).* Menino

Então vocês acham que dá pra quem é mais gordinho ser atleta?

- *Eu acho que dá, ai tem que fazer treinamento e dieta.* Menino
- *Eu acho que não.* Menina
- *Dá sim, os gordinhos podem correr.* Menino
- *É raro ver.* Menina
- *Só se for esporte de força (o adolescente imita o levantamento de peso).* Menino

Vocês acham que tem esporte que só quem é mais rico faz?  
(pesquisadora)

- *Tem, pobre faz futsal, rico faz golfe, tênis.* Menino
- *Aquele dentro da piscina que eu esqueci o nome.* Menina
- *Nado sincronizado?* Menina
- *Tem pólo aquático também.* Menina

E esporte que qualquer pessoa pode fazer? (pesquisadora)

- *Futebol.* Menino
- *Futebol, vôlei.* Menino

Nas falas dos adolescentes o esporte apareceu associado à exclusão, configurando-se como território permitido para apenas alguns grupos. A exclusão relatada por eles estava associada às exigências em relação à forma física dos atletas e a condição econômica como determinante do esporte que a pessoa praticava.

Os adolescentes também apontaram outras características para o esporte quando o comparavam com as brincadeiras. Além das qualidades físicas necessárias para a sua realização, como a associação do esporte à saúde, as regras e a competição também eram citadas:

- *Esporte é saúde.* Menino
- *Esporte tem mais regras que brincadeiras, têm que fazer tudo certinho, agora brincadeira não você faz qualquer regra e boa, vamos brincar.* Menina

- *Na brincadeira você se diverte mais, no esporte a gente joga pra ganhar.* Menino
- *É.* Menino
- *Na brincadeira quando a gente perde a gente nem liga, mas no esporte a gente fica bravo.* Menino
- *De preferência no futsal.* Menino

É possível identificar nas falas dos adolescentes os diversos aspectos que compunham as manifestações esportivas, além das suas dimensões práticas. Estas reflexões que, envolvem os inúmeros determinantes da manifestação cultural esportiva, devem encontrar espaço para se desenvolverem nos ambientes educativos, como nas escolas e nas entidades de contra turno social. Ou seja, esta discussão deve ser fomentada para que o esporte não seja considerado apenas uma manifestação esportiva ingênua e desprovida de inúmeras representações (MELO, 2004).

A associação da prática esportiva à saúde, por exemplo, deve ser problematizada com os adolescentes em relação aos limites saudáveis da prática de esportes. Assim como a questão do uso de substâncias ilegais para a melhora do desempenho dos atletas e toda a indústria farmacêutica que se beneficia desta utilização, dentre outros aspectos. Desta forma, as reflexões sobre a prática esportiva, manifestação que é muito presente no cotidiano dos adolescentes, pode ser objeto de discussões mais profundas, considerando suas contradições e diversos sentidos.

Nas instituições de contra turno social em que pesquisamos, a prática das atividades lúdicas e esportivas eram organizadas de formas diferentes: no Lar Escola da Criança existia a oficina específica de esporte, onde eram trabalhados os esportes coletivos voleibol e futebol de salão e momentos para oficina de recreação.

Entretanto, nem todos os educandos que freqüentam a instituição participavam da oficina de esportes. Os adolescentes que participaram dos grupos focais relataram que tinham um horário específico para oficina de recreação que era uma vez por semana. Mas eles não freqüentavam a oficina de esporte porque, no horário desta atividade, no momento da pesquisa, eles utilizavam este horário na instituição para se

prepararem para entrar no projeto Adolescente Aprendiz (projeto de aprendizagem profissional):

E aqui na instituição, vocês praticam esporte? (pesquisadora)

- *Mais ou menos.* Menina

- *Agora nem tanto porque cortaram, a gente não tem mais horário de esporte, por causa dos cursos, dessas coisas assim.* Menino

- *A única hora é na recreação.* Menino

E que horas é a recreação? (pesquisadora)

- *Na quarta no segundo horário, com a Patrícia* (educadora de bijuteria com formação em Educação Física). Menina

A oficina de esportes da instituição do Lar Escola foi retirada das atividades destes adolescentes visto que, na concepção desta instituição, eles deveriam fazer cursos preparatórios para adentrar o mercado de trabalho. Nesta atitude, neste contra turno social transparecia a ideia de que existiam oficinas que precisavam estar voltadas para a preparação dos adolescentes para a entrada no projeto Adolescente Aprendiz. Desta maneira, a preparação para o mercado de trabalho era considerada mais importante que a oficina de esportes para os adolescentes.

Oliveira e Robazzi (2001), quando pesquisaram sobre a entrada dos adolescentes no mercado de trabalho, afirmaram que esta característica do trabalho disponível para os adolescentes quando são considerados “aprendizes”, coloca em, segundo plano, outras atividades necessárias e imprescindíveis para estes sujeitos que estão em processo de formação:

Existem ainda outras atividades importantes na infância e adolescência, como o jogo, a brincadeira, a prática de esportes, que associadas a participação na escola, desenvolvem de forma livre e espontânea, ou ainda orientada, a imaginação, a criatividade, o relacionamento em grupo, a convivência com o diferente (OLIVEIRA e ROBAZZI, 2001, p.87).

Estes adolescentes que estavam se preparando para entrar no Projeto Adolescente Aprendiz no Lar Escola da Criança, não participavam da oficina de

esportes, mas freqüentavam uma vez por semana uma oficina de recreação, com uma educadora responsável pela organização desta.

No grupo focal com estes adolescentes questionamos se apenas uma oficina por semana com uma educadora social com formação em Educação Física para a realização de atividades lúdicas e esportivas era suficiente diante da carga horária de atividades que os adolescentes tinham na instituição. Eles afirmaram que não. A partir disto pudemos problematizar e entender, em conjunto com os adolescentes que, as brincadeiras, os jogos e os esportes, elementos essenciais para o desenvolvimento dos adolescentes, não eram considerados prioritários na formação dos adolescentes institucionalizados.

Nesta entidade, depois do horário de alimentação, os adolescentes ficavam no pátio da entidade brincando, conversando (como se fosse um recreio). Neste horário eles realizam diversas atividades:

- *Eu fico sentado lá, batendo papo.* Menino
- *Tem dia que eu fico sentado, tem dia que eu jogo basquete.* Menino
- *Tem gente que fica dormindo, tem gente que fica sentado, tem gente que fica na quadra, tem gente que faz o que quiser, é só não fazer aquelas coisas lá...* Menina
- Que coisas? (pesquisadora)
- *Se amassar, essas coisas assim* (risos de todos). Menino
- *Eu gosto de sentar e bater papo* (no horário da recreação) Menino
- *Eu gosto de deitar.* Menina
- *Eu gosto de jogar bola.* Menino
- *Eu gosto de jogar futsal.* Menino
- *Eu gosto de vôlei.* Menina
- *Ah, basquete.* Menino
- *Pular corda.* Menina
- *Gosto de brincar de linha* (uma variação do futsal). Menino
- *Ah, eu prefiro jogar bola.* Menino

- O que pode fazer no horário que vocês saem, no horário da recreação? (pesquisadora)
- *Pode dormir.* Menina
  - *Pode brincar.* Menino
  - *Você pode fazer o que você quiser dentro dos seus limites.* Menino
  - *Você pode deitar.* Menina
  - *Não pode xingar, brigar.* Menina

- *Desrespeitar a professora.* Menino
- *Fazer coisas obscenas (risos)* Menino

Neste horário os adolescentes ficavam mais livres na instituição, entretanto, a autorização para participar deste momento (que eles chamam de recreação) dependia da permissão do educador social que estava com a turma. Ou seja, conforme a avaliação do educador sobre o comportamento dos adolescentes eles podiam ou não brincar:

- E este horário livre depois das 16:10? (pesquisadora)
- *Todo mundo fica pra fora.* Menina
- *Depende da decisão do educador se vai pra fora ou não.* Menino
- *Se os alunos fizerem bagunça ele pode não deixar sair para fora.* Menina
- *Aí faz uma dinâmica.* Menino
- *De segunda e quarta depois da janta a gente faz dinâmica.* Menina
- *E se der tempo a gente sai.* Menino

O momento destinado para o tempo livre e realização de brincadeiras e jogos pelos adolescentes, era utilizado como um dispositivo para controlar o comportamento dos educandos. Os adolescentes em suas falas, demonstraram gostar muito desta parte da rotina da instituição, mas, a possibilidade de não poder participar da recreação podia determinar a conduta que eles deveriam adotar nas outras situações vividas na instituição. Lemos (2007, p.85) afirma que:

O brincar foi constituído por algumas práticas concretas de especialistas representantes de algumas teorias como dispositivo disciplinar, sendo capturado por tais teorias, que o distribuem em função de classe, raça e gênero, em espaços específicos [...].

Foi possível entender que, esta instituição, de acordo com o relato dos adolescentes, utilizava o momento da brincadeira como um dispositivo disciplinar. O brincar era utilizado para premiar ou punir os adolescentes que não se comportaram como a instituição de contra turno social determinava. Ou seja, quem não obedecia era

privado do horário de recreação. Já os que se comportavam, de acordo com os princípios da instituição eram premiados.

Entretanto, nesta instituição os adolescentes eram livres para a realização das atividades no horário da recreação. Este tempo depois das refeições, não parecia tão engessado. Quando estes adolescentes ocupavam este espaço, não existiam muitas estruturas a serem seguidas. Eles realizavam diferentes atividades e podiam solicitar diferentes materiais para os educadores sociais.

Já na outra instituição, no Centro Social Marista, as atividades lúdicas e esportivas eram organizadas de outra forma. Eram ofertadas oficinas de esportes coletivos e de jogos cooperativos. Segundo o relato dos adolescentes, todos freqüentavam estas duas oficinas durante a semana. Os adolescentes brincavam e jogavam também no intervalo das oficinas, logo após a refeição:

Aqui vocês freqüentam a oficina de esporte e de jogos cooperativos?  
(pesquisadora)

Todos afirmaram que sim

- *Mas antes era melhor quando tinha grupo de esporte* (antes na instituição havia um grupo que realizava como atividade principal o esporte). Menino

E em outras oficinas vocês também brincam? (pesquisadora)

- *Depende da oficina, antes era agora não.* Menina

- *Antes podia.* Menino

- *Na do Tadeu* (educador da oficina de artes visuais) *depois da oficina podia.* Menino

E como é na hora do intervalo? (pesquisadora)

- *Cada um tem um dia pra jogar futsal.* Menina

- *Um dia são as meninas, no outro os meninos.* Menino

- *Aí brinca de 3 corte (variação do vôlei), spirobol.* Menina

- *No dia que a gente não joga futsal na quadra, a gente joga aqui no campinho.* Menino

- *Spirobol.* Menina

Consideramos que tanto o brincar, como a realização de atividades esportivas eram garantidas nas duas instituições que tinham seus horários e espaços definidos para estas atividades. Ou seja, existiam horários específicos das oficinas para o

desenvolvimento das mesmas e dos intervalos. Os adolescentes relatavam que, em outros momentos nas instituições e, em outras oficinas (que não as específicas de jogos cooperativos e de esportes coletivos) eles também brincavam, mas que, no momento que a pesquisa foi realizada, não era mais permitido.

Partindo das reflexões de Gomes (2004, p.145) sobre a ludicidade, na qual a autora esclarece que esta é uma “[...] expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com o contexto”, compreendemos que as atividades lúdicas não devem ser restritas e limitadas apenas há um tempo e espaço determinado, elas podem estar presentes nos mais diversos contextos da ação educativa.

As brincadeiras e os jogos pareciam demasiadamente enrijecidos nas estruturas da institucionalização, tendo horários, formas e espaços definidos previamente para acontecer. Estas estruturas em que os sujeitos encaixam a ludicidade descaracterizavam o sentido de expressão de diversos significados e sentidos e de reelaboração de valores nas relações sociais.

Os adolescentes buscavam atribuir diversas funções para justificar a realização de brincadeiras, jogos e esportes na instituição de contra turno social:

Qual o objetivo que vocês acham que tem as oficinas de esporte, a recreação. (pesquisadora)

- *Dar uma descontraída.* Menino

- *Descansar um pouco.* Menina

- *Descansar os neurônios” (risos)* Menina

- *Mas o pior é que é verdade, a gente acorda pensando em ir pra escola sentar e olhar pra cara dos professores, chega aqui é a mesma coisa, de vez em quando tem que descansar um pouquinho os neurônios...* Menina

Vocês sabem por que tem estes momentos de brincadeiras e de esportes aqui na instituição? (pesquisadora)

- *Pra não ficar sempre a mesma coisa, pra variar.* Menino

- *Pra aprender algumas coisas.* Menina

- *Pra aprender mais esportes e mais brincadeiras.* Menino

- *Igual na oficina de jogos cooperativos, aprender a fazer as coisas em grupo, discute, e no esporte é pra jogar.* Menino

E pra formação de vocês é importante vivenciar os jogos e as brincadeiras?

- *É porque às vezes uma pessoa quer se formar naquilo.* Menina

- *Pra gente ensinar nossos filhos.* Menino

- *Pra saúde.* Menino

- *Aquilo que a gente aprende nos jogos, que não é só um todo mundo pode participar também.* Menino

Nas falas dos adolescentes apareciam vários sentidos atrelados às atividades lúdicas e esportivas, que dentre estes, em sua maioria eram funções compensatórias, Como por exemplo: o momento de descanso e relaxamento eram utilizados como meios para promover a melhora da saúde ou para se relacionar melhor com os companheiros.

Para Debortoli (2004, p.23), a brincadeira muitas vezes adquire um status de importância se “[...] está relacionada ao que histórica e comumente é reconhecido como ‘conteúdos’, ‘habilidades’, ou ‘valores’ sociais ou escolares, justificando a presença e a possibilidade do brincar na educação e em outros contextos”. Desta forma, a brincadeira não é reconhecida a partir de seus próprios temas e contradições. Ela deve existir alguma característica agregada à atividade para que ela tenha valor.

Outro aspecto em relação às atividades lúdicas e esportivas que os adolescentes esclareceram estava relacionado aos objetivos das atividades desenvolvidas

Vocês acham que o espaço da recreação na entidade é um espaço de educativo? (pesquisadora)

- *Não, é diferente porque é mais livre, quase não tem regra.* Menino

- *A gente aprende o que a gente já sabe.* Menina

- *Reforça o que a gente já sabe, aprende as habilidades normais, mas aí vai aperfeiçoando.* Menino

- *Eu acho que aprende a ter respeito no grupo, raciocínio.* Menino

Vocês conversam sobre os objetivos das oficinas (atividades lúdicas e esportivas)? (pesquisadora)

- *Não.* Menina

- *A gente chega manda tirar o boné, um aquecimento, uma brincadeira, aí pega a bola pra jogar.* Menino

- *Na oficina de jogos (cooperativos), a gente conversa, faz as atividades, aí faz a roda da conversa, daí discute pra que serviu aquela brincadeira.* Menino

Vocês preferem qual oficina?

- *Os dois.* Menina



- *Eu preferi de esporte.* Menino
- *De esporte.* Menino

Nestas falas, ficava explícita a falta de reflexividade que acompanhava as atividades. A prática prevalecia como se as atividades lúdicas e esportivas tivessem um fim em si mesmo. Quando o adolescente relatava que na oficina de jogos eles conversavam sobre a atividade realizada, a discussão para ele era sobre a utilidade que a brincadeira ou o jogo tinham, reforçando o caráter de atrelar algum sentido ou habilidade a atividade lúdica para que ela tivesse valor.

O escasso exercício reflexivo que caracterizava estas atividades educativas deixava de lado uma expressão que é essencial na educação: a ação-reflexão. Esta expressão pode ser entendida como, “[...] unidade dialética da práxis, supondo que esta seja o fazer e o saber reflexivo da ação. O saber que realimenta criticamente o fazer, cujo resultado incide novamente sobre o saber e, assim, ambos se refazem continuamente” (KRONBAUER, 2008, p.27).

A ação educativa que se fundamenta na ação-reflexão, segundo Kronbauer (2008, p.27) “[...] é a prática consciente de seres humanos, que implica reflexão, intencionalidade, temporalidade e transcendência, diferentemente dos meros contatos dos animais com o meio que os envolve”. Sendo assim, na ação-reflexão os sujeitos têm a possibilidade de refletir sobre a realidade que os condiciona e de agir sobre ela, daí sua essencialidade na ação educativa que se move para a emancipação humana.

No desenvolvimento dos grupos focais nos chamou atenção a constante referência ao futebol como atividade predominante no cotidiano dos adolescentes. Quando indagados sobre as atividades preferidas e mais frequentes no contexto da instituição de contra turno social, o futebol era que aparecia com mais frequência:

E as brincadeiras que são tradicionais aqui? (pesquisadora)

- *Ciranda cirandinha*. Menino
- *Esconde-esconde, pega-pega*. Menino
- *Pezinho, amarelinha*. Menina
- *Futebol*. Menino
- *Vôlei*. Menina

Que brincadeiras ou jogos vocês preferem? (pesquisadora)

- *De esporte futsal, de brincadeira bet's*. Menina
- *De futebol*. Menino
- *Futsal e basquete*. Menino
- *Qualquer esporte, futebol, handebol, basquete*. Menino
- *Eu gosto de bola, de ser goleira no futsal*. Menina

De acordo com Melo (2004, p.83) um dos grandes problemas do Brasil em relação a esporte como forma de lazer:

[...] é a monocultura do futebol. Em muitas ocasiões, os indivíduos são refratários a outras práticas. Obviamente isso se articula com o espaço privilegiado que ocupa nos meios de comunicação (jornais, televisão e rádio). O tempo de exibição do futebol supera em muito o de outros esportes, sendo um desafio para o animador cultural ampliar as possibilidades de vivências esportivas de seu público-alvo.

É importante ressaltar que a prática do futebol não é o problema em si, mas o conjunto excessivo de ações que o envolvem em nosso país em detrimento de outras práticas esportivas. O esporte é uma manifestação cultural composta de inúmeros determinantes que devem ser problematizados e a monocultura do futebol é um fenômeno que merece ser alvo de discussões mais críticas que não romantizem esta questão.

Os adolescentes em suas falas demonstravam ter uma maior vivência e interesse pela prática esportiva do futebol. Entretanto quando questionados sobre a vontade de praticar outras modalidades, elencavam várias atividades esportivas de seu interesse:

- *Natação*. Menino
- *Tênis*. Menina
- *Bem que eles podiam fazer uma piscina aqui...* Menina
- *Rúgbi, tênis*. Menino
- *Ping pong*. Menino

- *Golfe*. Menino
  - *Ping pong*. Menina
  - *Ah, eu não gosto de ping pong, acho legal ver jogar, mas eu praticar não*. Menina
  - *Hóquei no gelo*. Menino
- Nossa, mas aqui é difícil praticar... (pesquisadora)
- *Você conhece hóquei de quadra? Então aí dava...* Menino
  - *Patinação*. Menina

E que jogos que vocês têm vontade de fazer? (pesquisadora)

- *Natação*. Menino
  - *Vôlei*. Menina
  - *Futebol americano*. Menino
  - *De bet's*. Menino
  - *Dançar hip-hop*. Menino
  - *É*. Menina
- 
- *Podia ter uma pista de skate*. Menino
  - *Aí ia ter gente quebrando o braço*. Menino
  - *Uma piscina*. Menina

Quando os adolescentes foram indagados sobre os motivos os quais não praticavam estas atividades eles justificaram de diversas formas:

- *Falta de verba*. Menino
  - *Falta espaço*. Menino
  - *Espaço aqui tem o que não falta aqui é espaço*. Menina
  - *Não tem dinheiro*. Menino
  - *Acho que falta também um pouco os maiores ouvirem, sabe, ouvir mais a gente, parece que é assim: esse aí não vão pra frente*. Menino
- Quem são os maiores que você diz?
- *Ah, os diretores, os professores...* Menino

E porque vocês não fazem?

- *Porque a gente não tem tempo*. Menina
- *Porque eu não vou atrás*. Menino
- *Eu não jogo bet's porque não dá, lá onde eu moro ninguém tem bolinha*. Menino

Analisando as respostas dos adolescentes compreendemos que eles nos davam pistas sobre seu entendimento da limitação das experiências lúdicas e esportivas das classes populares.

Eles elencaram inúmeras atividades que gostariam de conhecer e praticar, mas relatavam também que o que os impedia era a precariedade financeira da instituição, a

falta de diálogo com os educadores e responsáveis pela entidade, a falta de tempo e, até mesmo, a impossibilidade de pessoas da região em que moravam terem o material necessário para jogar bet's.

A partir disto, podemos afirmar que, além da monocultura do futebol presente em nossa realidade, o fator econômico acabava determinando o repertório de experiências lúdicas e esportivas dos adolescentes das classes populares. Temos a dimensão de que esta falta de acesso às diferentes manifestações lúdicas e esportivas, apresenta inúmeros determinantes, como por exemplo, as bases conceituais das políticas de esporte e lazer, entre outros elementos

### **Considerações finais**

Quando os adolescentes expressavam seus desejos sobre a realização de diferentes atividades nas entidades, era necessário repensar o caráter problematizador destas, pois de alguma forma, o diálogo entre os educandos e educadores (instituição) não estava sendo privilegiado.

De acordo com Bastos (2008, p.87):

A educação problematizadora, respondendo à essência do ser da consciência, que é sua intencionalidade, nega os comunicados e sua existência, optando pela comunicação. Por isso, somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz também de gerá-la. Sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação.

Portanto, o diálogo era um princípio essencial para a efetivação de uma educação problematizadora. Diante das falas dos adolescentes, tornava-se explícita a necessidade de se pensar a construção da proposta educativa das instituições de contra turno social com os educandos e não para eles. Eram necessários projetos constituídos pelos interesses coletivos e não para atender os anseios de alguns grupos.

Em suas falas, a maioria dos adolescentes afirmava gostar muito das atividades lúdicas e esportivas e que os jogos, brincadeiras e esportes eram muito presentes em seu cotidiano. Entretanto, nas discussões nos grupos, os adolescentes trouxeram à tona diversos aspectos determinantes sobre estas manifestações culturais, como por exemplo: o esporte estava muito associado à saúde, como fator de exclusão de alguns grupos, as regras e competitividade.

As atividades lúdicas e esportivas são manifestações culturais impregnadas de inúmeros sentidos e os adolescentes elencaram, no desenvolvimento dos grupos focais, alguns deles. Entendemos que estes elementos devem ser problematizados na ação educativa para que a prática lúdica e esportiva não se realize desconectada de um contexto e para que ela não seja identificada como uma prática com fim em si mesma.

Os adolescentes atribuíam algumas funções e conteúdos para justificar o desenvolvimento de atividades lúdicas e esportivas, desta forma, os jogos, brincadeiras e esportes podem assumir um objetivo compensatório. Estas manifestações culturais deveriam ser compreendidas a partir de seus temas, possibilidades e contradições, ou seja, não precisavam estar relacionadas a outros valores para adquirir um status de importância.

Compreendemos então que, era imprescindível que as atividades lúdicas e esportivas, fossem consideradas em todas as suas dimensões e não apenas na sua dimensão prática. Elas precisavam ser tratadas como objeto de reflexão permanente na ação educacional. Para que assim, não se configurassem apenas como um dispositivo disciplinar ou de ocupação do tempo dos adolescentes e sim como uma manifestação cultural que não é neutra, que é composta por inúmeros sentidos, com potencial de

recriação e ressignificação das diversas relações com a realidade, com o outro e consigo mesmo.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Fábio da Purificação. Comunicação. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 87-89.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Editora da Fenabb, 1990.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Brincadeira. In: GOMES, C. L. (Org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.19-24.

FARIA, Eliene Lopes; FONTES, Julio C. Mendes. Os jovens e a produção do futebol na cidade: apropriações, sociabilidades e aprendizagens. In: DEBORTOLI, J. A. O.; MARTINS, M. F. A.; MARTINS, S. (Org.). **Infâncias na Metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p.147-174.

GOMES, Christianne Luce. Lúdico. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 141-146.

KRONBAUER, Luiz Gilberto. Ação-Reflexão. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 27-29.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira. A apropriação do brincar como instrumento de disciplina e controle das crianças. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 7, n. 1, 2007. Rio de Janeiro: UERJ, p.78-88. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/epp/v7n1/v7n1a08.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2008.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MELO, Victor Andrade de. Esporte. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 80-84.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro Setor e Questão Social: Crítica ao Padrão Emergente de Intervenção Social**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NATALI, Paula Marçal. **O Lúdico Em Instituições De Educação Não-Formal: Cenários De Múltiplos Desafios, Impasses E Contradições**. 2009. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa- PR. 2009.

OLIVEIRA, Beatriz Rosana Gonçalves; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.9, n.3, 2001, p.83-89. Disponível em: [www.eerp.usp.br/rlaenf](http://www.eerp.usp.br/rlaenf). Acesso em: 02 nov. 2008.

**Endereço das Autoras:**

Paula Marçal Natali  
Universidade Estadual de Maringá  
Departamento de Educação Física  
Av. Colombo, 5.790 - Campus Universitário  
87.020-900 – Maringá-PR  
Endereço Eletrônico: [paula\\_natali@hotmail.com](mailto:paula_natali@hotmail.com)

Ercília Angeli Teixeira de Paula  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Pedagógico.  
Av. Fernando Ferrari 514 – Goiabeiras  
29075-910 – Vitória, ES – Brasil  
Endereço Eletrônico: [erciliapaula@terra.com.br](mailto:erciliapaula@terra.com.br)